Portugueses em São Paulo no século XXI: a questão da identidade[1]

Alice Beatriz da Silva Gordo Lang
CERU/USP
Maria Christina Siqueira de Souza Campos
CERU/USP

Introdução

A COMUNIDADE PORTUGUESA É PECULIAR, por ter o Brasil sido colonizado por Portugal. A origem portuguesa marca grande parte da população brasileira. A língua é a portuguesa, nomes, sobrenomes e aspectos fisionômicos semelhantes tornam difícil distinguir portugueses e descendentes no conjunto da população. No caso da cidade de São Paulo, cidade de 10.886.518 habitantes em 2011, as comunidades portuguesa e luso-brasileira acham-se espalhadas, havendo poucos pontos de concentração. Os imigrantes portugueses radicaram-se especialmente em São Paulo e também no Rio de Janeiro. A proposta do estudo aqui apresentado foi delinear e conhecer a comunidade residente em São Paulo no século 21, depois de cerca de cinquenta anos do término da imigração, discutindo a questão da identidade e também da integração dos portugueses na cidade.

A imigração portuguesa no Brasil

No período republicano, o Brasil foi o destino de grandes levas de imigrantes portugueses, especialmente numerosos no período da Primeira República (1889-1930) e no pós-guerra, entre 1950 e 1963. Era basicamente uma imigração econômica. Havia também o caso dos jovens que deixavam Portugal para não serem incorporados ao exército, evitando um provável envio para combater na África por quatro anos ou serem encaminhados para a pesca do bacalhau, por ainda mais tempo. Os que chegavam ao Brasil se somavam aos que aqui já estavam e a seus descendentes, formando as comunidades portuguesa e luso-brasileira, esta incluindo os descendentes de segunda e terceira geração já nascidos no Brasil. Essa corrente migratória praticamente se estancou em 1964, quando

1 Este trabalho foi apresentado no Seminário Internacional sobre a (E)Imigração Portuguesa para o Brasil, que se realizou na Universidade de São Paulo, de 7 a 11 de novembro de 2011, em promoção conjunta do CEPESE e da Cátedra Jaime Cortesão. O estudo, que é sequência de uma série de outros trabalhos sobre os imigrantes portugueses no Brasil, está sendo desenvolvido no Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU, Núcleo de Apoio à Pesquisa da Universidade de São Paulo (NAP-CERU).

os portugueses que saíam de Portugal passaram a buscar outros destinos, como França, Alemanha, Estados Unidos e Canadá. Houve a imigração política dos que se opunham a Salazar e, depois da Revolução dos Cravos, em 1974, dos salazaristas. Ainda em meados dos anos 1970, os portugueses voltaram a chegar, mas em número menor, em geral vindos das colônias portuguesas da África que estavam em processo de emancipação.

Outra questão que afetou os fluxos migratórios portugueses para o Brasil foi a entrada de Portugal na Comunidade Econômica Europeia, em 1986, depois União Europeia a partir do tratado de Maastricht, em 1993. A situação econômica de Portugal modificou-se favoravelmente e o país passou a viver, então, um surto de progresso, o que fez decrescer bastante o número daqueles que demandavam trabalho em outros lugares.

Nos anos 1990, a imigração não era mais de pessoas. Foi o capital português que passou a chegar ao Brasil com grandes empresas multinacionais, seus dirigentes e quadros; estes, com prazo determinado para deixar o país, não se configuram propriamente como imigrantes, embora possam interagir com a comunidade.

Por essa época, verifica-se uma inversão da direção do movimento migratório, tendo passado os brasileiros a buscar Portugal em grande número, devido à crise econômica brasileira.

Mais recentemente, com as dificuldades econômicas que estão afetando Portugal desde 2008, verifica-se uma nova onda emigratória, sendo o Brasil um dos principais destinos; desta vez, os que emigram não são mais analfabetos ou semianalfabetos. São profissionais qualificados, predominantemente engenheiros e técnicos de plataformas de petróleo, além de arquitetos, entre outras profissões.[2]

O projeto de pesquisa

O projeto "*Portugueses em São Paulo no século 21: a questão da identidade*" está sendo desenvolvido em perspectiva sociológica, tendo por objetivo conhecer grupos e coletividades, à medida que a Sociologia é uma ciência voltada para o estudo das relações sociais. No caso, grupos e coletividades referem-se à comunidade portuguesa de São Paulo. O estudo focaliza as instituições portuguesas, as trajetórias reveladoras do sucesso ou insucesso do projeto migratório e as questões da integração e da identidade.[3]

Para tratar da temática proposta, apresentamos inicialmente algumas considerações sobre os conceitos que orientaram o presente trabalho: migração, identidade (coletiva, pessoal e étnica), interação e integração, memória e tradição.

Migração é concebida como o deslocamento de pessoas no espaço físico e cultural, por um tempo longo ou em caráter permanente. Migração internacional é o deslocamento de pessoas de um país a outro. O movimento migratório é um fato coletivo e tambémuma experiência pessoal. Considerado

2 *Revista Naus*, n. 173, p. 11, 2011.

3 Quanto à metodologia da pesquisa, ver LANG, Alice Beatriz S. G.; CAMPOS, Maria Christina S.; DEMARTINI, Zeila B. F. *História Oral, sociologia e pesquisa: a abordagem do CERU*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2010.

como um processo, tem na emigração seu ato inicial e na sequência a imigração. Emigrante é aquele que deixa o país de origem, tornando-se imigrante ao adentrar o país de acolhimento. Emigração e imigração, segundo Abdelmalek Sayad,[4] são duas faces da mesma moeda e trazem à tona a questão da identidade.

Identidade, no nível do indivíduo, se exprime no sentimento de pertença a determinados grupos, segmentos ou categorias; do ponto de vista coletivo, é a forma como o grupo se integra em um conjunto social, com base em categorias que lhe são próprias, como ideias, ideais, valores, costumes e tradições, ao mesmo tempo em que se distingue de outros grupos.

Na década de 1950, o termo *identidade* foi popularizado pelo conhecido psicólogo social Erik Erickson, ao abordar o sentido individualizado de *self*.[5] Mais próximos aos dias atuais encontram-se autores, representantes de diferentes correntes de pensamento, que têm buscado chegar a uma conceituação satisfatória para identidade, como os sociólogos alemães Hill e Schnell,[6] que faziam objeção a uma boa parte das teorias existentes até então com base no argumento de que ainda não tinham sido provadas empiricamente; foram mais longe ainda, ao afirmar que não havia qualquer teoria geral da identidade que preenchesse critérios metodológicos mínimos. Propuseram, então, princípios para uma teoria de identidade de ação, na qual, segundo eles, um grande número de posições teóricas "tradicionais" poderia ser integrado.

A *identidade*, ao mesmo tempo em que estabelece um laço entre indivíduo e sociedade, passado e presente, bem como entre ciência e prática social, rompe com essas dicotomias. Está estreitamente associada à ideia de memória como esta última está da primeira. Assim, cada indivíduo, ao trazer à mente fatos, momentos de sua própria história ou da de seu grupo, vai construindo a identidade pessoal e, ao mesmo tempo, a identidade grupal.

Michael Pollak, sociólogo do IHTP falecido em 1992, salienta que "a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros".[7] Para ele há uma identidade pessoal e uma coletiva. Por identidades coletivas, a historiadora Marieta de Moraes Ferreira entende "todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência de pertencimento".[8]

---

4 SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

5 *Apud* SANTOS, M. S., 1998.

6 HILL, Paul Bernhard; SCHNELL, Rainer. "Was ist identität?" In: ESSER, Hartmut; FRIEDRICHS, Jürgen. *Generation und Identität: theoretische und empirische Beiträge zur Migrationssoziologie*. Opladen: Westdeutscher, 1990, p. 25-42.

7 POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 204.

8 FERREIRA, Marieta de Moraes. "História Oral, comemorações e ética". *Projeto História*. Ética e História Oral, São Paulo, nº 15, abr. 1997, p. 158.

Para o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos,[9] as *identidades culturais* não são rígidas ou imutáveis, resultando sempre de um processo de identificação próprio de cada momento ou situação. As identidades se descontextualizam e recontextualizam continuamente, num processo que tem por base conflitos e confrontos, bem como negociações com outras identidades. O contato com os imigrantes portugueses revela claramente todo esse processo de recontextualização das identidades.

Também Maria Beatriz Rocha-Trindade,[10] socióloga portuguesa especialista em estudos migratórios, chama a atenção para o crescente interesse pelos estudos sobre identidade nos tempos atuais, devido à consciência do direito à diferenciação e à afirmação cultural de grupos e comunidades minoritárias. Na base de tal consciência estão dois conceitos que se opõem, *identidade* e *alteridade*, isto é, o sentimento de pertença a um determinado grupo e o reconhecimento de que existem outros grupos, diferentes dele. Nos tempos presentes, em virtude dos deslocamentos humanos, são frequentes os grupos multiétnicos, multiculturais e ideologicamente distintos.

Mas, não se pode pretender trabalhar a conceituação de identidade sem fazer referência a um conceito clássico na literatura sociológica a esse respeito, qual seja a definição de *etnia* de Max Weber, considerada a definição mais conhecida a esse respeito:

> Queremos denominar grupos "étnicos" os grupos de homens que, com base nas semelhanças dos habitus exteriores ou dos costumes ou de ambos, ou de lembranças da colonização e da migração, desenvolvem uma crença subjetiva numa origem comum, de tal modo que se torna importante para a propagação de traços comuns, no caso de não formarem uma sipe, independentemente do fato de haver objetivamente parentesco de sangue ou não.[11]

Para delimitar a etnia, Weber distingue as diferenças que saltam aos olhos no modo de vida cotidiano, assim como as diferenças verdadeiramente significativas no modo de vida econômico, diferenças no vestuário típico, no modo típico de moradia e alimentação, na forma comum da divisão do trabalho entre os sexos, assim como a continuidade de língua e a identidade da regulamentação da vida ritual condicionada pelas representações religiosas semelhantes.[12] Cabe observar que a questão da língua não se aplica ao caso dos portugueses no Brasil.

Como se está tratando aqui de grupos imigrantes, coloca-se imediatamente a questão da *identidade étnica*, aqui entendida como um processo identitário e não como algo constituído, naturalizado.

Segundo Hill e Schnell, mencionados acima, identificações étnicas, hábitos culturais étnicos e laços sociais com a minoria étnica constituem dimensões de preferência independentes da etnicidade.

---

9 SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.

10 ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. "Recriação de identidades em contextos de migração". In: LUCENA, Célia Regina Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (orgs.). *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006, p. 75-90.

11 *Apud* HILL, Paul Bernhard; SCHNELL, Rainer. *Op. cit.*, p. 44.

12 *Ibidem*, p. 45.

As implicações étnicas de uma "ressurreição" étnica dependem principalmente de quais dimensões da etnicidade – se é que alguma –são afetadas pelo processo.

Lévi Strauss (1987) já afirmava que o conceito de identidade não deveria ser construído sobre um referente empírico, mas simbólico e cultural, pondo-se em questão não apenas o discurso, mas também o lugar e a ótica de interação com esse discurso. Existe, pois, uma *identidade étnica*. Stuart Hall define etnia como as "características culturais – língua, religião, costumes, tradição, sentimento de lugar – que são partilhados por um povo".[13] Prosseguindo em suas considerações, diz que a identidade étnica vai se reconstruindo e reconfigurando ao longo do processo histórico, não havendo possibilidade de entendê-la como algo dado, definido desde o começo da história de um povo. Os significados e valores da identidade cultural são internalizados pelos membros de um grupo tornando-se parte de cada um e tendo como consequência vincular os sentimentos subjetivos aos lugares objetivos que ocupam no mundo social e cultural.

Outro conceito bastante central no presente estudo é o de *integração social*. A Sociologia tem abordado esse conceito desde os trabalhos de Durkheim (1893), Sorokin (1937-1941), Parsons (1951) e Parsons e Shils (1951). Historicamente, a tendência foi de distinguir os diferentes tipos de integração, distinguindo a integração cultural, a normativa e a funcional, mas hoje se costuma tratar todos os aspectos do fenômeno de forma associada, embora seja sempre possível – no caso da imigração – perceber que há mais integração no país de adoção em determinados aspectos e menos com referência a outros.

Pode-se falar, de modo geral, que um indivíduo ou grupo está integrado em determinada sociedade à medida que se sente como membro desse grupo por partilhar suas normas, valores e crenças. Evidentemente, nesse processo multidimensional em que os membros de um grupo imigrante começam a se sentir parte da sociedade em que estão vivendo há também uma influência destes na sociedade em que estão se inserindo, em maior ou menor intensidade, dependendo do tamanho do grupo imigrante, da maior ou menor aproximação entre as duas culturas em contato e da existência de relações mais ou menos frequentes entre o grupo imigrante e a população local.

Nossos estudos em relação aos grupos imigrantes têm mostrado que, geralmente, estes tendem a adotar mais rapidamente traços e normas do país de adoção quando se trata de aspectos relativos ao trabalho e à vida social mais ampla, mantendo os traços da cultura de origem no que se refere à esfera doméstica, incluindo-se aí os hábitos alimentares, as relações familiares, a moradia, a forma de praticar a religião etc.

A partir da década de 1960, uma série de estudos, entre os quais se destacam os de Erving Goffman,[14] priorizou a investigação das interações ocorridas entre atores sociais na vida cotidiana e as construções resultantes destas interações. Identidades coletivas passaram a ser compreendidas com

---

13 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 67.

14 GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Anchor Books, 1959

base não só em um conjunto de interações sociais, mas também nos interesses tanto políticos como sociais e estratégicos de atores sociais, dependendo tanto do que é lembrado, quanto da identidade de quem lembra. Da mesma forma que a identidade, a memória também deixou de ser pensada como um atributo estritamente individual, mas essencialmente coletivo. A memória deixou, portanto, de ser considerada como fenômeno individual, passando a elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas.

Quanto à *memória*, Pollak enfatiza a impossibilidade de se falar de identidade sem abordar a questão da memória, que compreende uma memória individual ou pessoal e a memória coletiva. Segundo o autor, os acontecimentos vividos pessoalmente vão constituir tanto a memória individual como a coletiva. Mesmo que um indivíduo não tenha vivenciado pessoalmente determinado acontecimento, ele acaba por vivenciar os fatos 'por tabela', pois participa do grupo onde ocorreram. A memória que se reconstrói é um fator fundamental do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo. Mas essa reconstrução implica mudanças, negociações e transformações na interação com os outros.[15]

No mesmo sentido, Marieta de Moraes Ferreira acentua que a memória constitui um elemento importante para o reconhecimento e valorização dos grupos e acrescenta que "mesmo a memória constituída efetua um trabalho de manutenção, de renovação, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização".[16]

Com base nas considerações acima, aceitamos que a memória deve ser vista como um elemento central na construção da identidade, sentimento que compreende a identidade coletiva e a pessoal. Tratando de imigrantes, Rocha-Trindade mostra que o passar do tempo leva certamente à internalização de muitos elementos da cultura do país de adoção, dando origem ao processo de recriação da identidade.[17] O imigrante é muitas vezes aquele que está com o pé em duas canoas, sendo, nesse caso, bem presente o sentimento de pertença a duas culturas distintas.

No que se refere à identidade portuguesa, sendo Portugal o país de origem dos imigrantes estudados, Boaventura de Sousa Santos[18] traça um quadro de sua cultura, mostrando como as contradições dominam as imagens que seu povo e os outros que entram em contato com o país fazem do mesmo. Afirma que a cultura portuguesa é muito heterogênea, devido ao tipo e historicidade do seu nível de desenvolvimento intermédio, traduzindo-se esse traço em representações sociais discrepantes, em que o povo aparece como sendo capaz de se adaptar a todas as coisas. Por séculos, Portugal foi o centro de um grande império colonial e, ao mesmo tempo, a periferia da Europa. O autor levanta a hipótese de que não existe propriamente uma cultura portuguesa em termos de conteúdo, mas somente em termos de forma. Dentro do país, os portugueses não se identificam com uma cultura

15 POLLAK, Michael. *Op. cit.*

16 FERREIRA, Marieta de Moraes. *Op. cit.*, p. 157.

17 ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Op. cit.*, p. 90.

18 SANTOS, Boaventura de Sousa. *Op. cit.*

coletiva, de toda a nação, o que vem a ocorrer quando estão fora dele na situação de emigrados. O autor aponta um défice identitário no âmbito da identidade coletiva interna. No país constatam-se identidades regionais variadas configurando uma grande heterogeneidade. Disso decorre, por um lado, o cosmopolitismo e, por outro, o acentrismo, caracterizado pela multiplicação dos localismos.

Outro conceito fundamental para entender o processo migratório é o de *tradição*, que se refere a um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras, tácita ou abertamente aceitas, que têm por objetivo inculcar valores e normas de comportamento por meio da repetição, implicando, portanto, uma continuidade em relação ao passado. Hobsbawm e Ranger, em sua obra sobre a invenção das tradições na Inglaterra,[19] apontam para o fato de que muitas das tradições que se pode pensar como sendo muito antigas, ou são bem mais recentes do que se acredita ou são até inventadas. As tradições passam necessariamente por revisão, ritualização e reinserção no contexto social de práticas tradicionais existentes com o objetivo de servir aos propósitos nacionais ou de um grupo em particular. É frequente a ressignificação dos traços e aspectos que compõem as tradições em uma sociedade. Os costumes ou as rotinas mudam para se adaptarem às novas exigências das sociedades em transformação. Mencionam, especificamente, as canções e danças folclóricas, que passam a ser impregnadas de conteúdo patriótico, com o desenvolvimento de uma série de rituais baseados na relação Igreja-Estado, seja pela lenda ou pela invenção. As forças que atuam no sentido do coletivo e do nível pessoal têm na tradição um elemento de extrema importância. É uma tradição ressignificada segundo propósitos e em função das condições enfrentadas.

A existência de traços identitários e de integração na sociedade em São Paulo está sendo analisada em relação ao grupo de imigrantes portugueses que vieram para essa cidade e entre seus descendentes.

O estudo tem por base a complementaridade de fontes, recorrendo a fontes escritas (bibliografia, imprensa da comunidade, dados censitários), fontes orais e imagens. Quanto às fontes orais, são privilegiadas as obtidas por meio da história oral, embora recorrendo a outras, como programas televisivos e radiofônicos dirigidos à colônia portuguesa. Os relatos orais são coletados entre os dirigentes das entidades mais representativas da comunidade portuguesa de São Paulo, bem como entre os membros da colônia lusa. O trabalho junto às entidades visa a apreender como têm contribuído para manter ou até reavivar a identidade de origem e as tradições ligadas à nação portuguesa. Quanto aos membros da comunidade, busca captar diferentes trajetórias.

A comunidade portuguesa em São Paulo: delineamento, obras e associações, trajetórias, identidade

Dos 299.801 imigrantes que ingressaram no país entre 1950 e 1963, a maior parte ficou no Rio de Janeiro e em São Paulo. Destes, alguns regressaram a Portugal completando o percurso migratório,

19 HOBSBAWM, Eric; RANGER, T. (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

muitos já morreram. Na década de 1970 foi bem menor o número das entradas. Quantos teriam permanecido no país e aqui reconstruído sua vida?

Neste estudo está se considerando o momento atual, ou seja, as décadas iniciais do século 21. É imensa a dificuldade para se obterem dados sobre os portugueses que estão em São Paulo e os luso-brasileiros. A própria definição de luso-brasileiro é controversa, embora se possa, a princípio, definir como tal os pertencentes à segunda e à terceira geração.

A Embaixada de Portugal, em seu *site*, indica que o Censo Demográfico brasileiro de 2000 contabilizou 213.203 portugueses, inclusive binacionais. Cerca de 90% se encontravam nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo e, destes, 99% na zona urbana. Contudo, aponta que o Serviço dos Negócios Estrangeiros português indica um total entre 500.000 e 700.000, em coerência com o total de inscrições consulares registradas.

As estimativas variam conforme a fonte. De acordo com a avaliação do jornalista Armando Torrão, responsável pelo caderno sobre São Paulo do jornal *Portugal em Foco*, seriam aproximadamente 600 mil os luso-brasileiros de São Paulo.[20] Parecem-nos bastante confiáveis as informações do Dr. Vitorino Rodrigues,[21] deputado eleito para o Parlamento português na qualidade de representante das comunidades de além-mar; Rodrigues dirige um escritório de advocacia no Brasil que presta serviços a portugueses que desejam viajar a Portugal ou regularizar sua documentação, assim como a descendentes nascidos no Brasil. Segundo seus dados, aproximadamente 180.000 portugueses vivem no Estado de São Paulo, dos quais 30.000 em Santos. De acordo com essa fonte, o número de portugueses residentes em todo o Brasil fica, no máximo, entre 450.000 e 500.000, a maioria em São Paulo e no Rio de Janeiro.

As obras e atividades da comunidade portuguesa em São Paulo

A comunidade portuguesa criou inúmeras obras em setores diversos e em momentos distintos: saúde, economia, esporte, associações regionais, grupos folclóricos, igrejas. Há órgãos de imprensa e programas radiofônicos dirigidos à comunidade portuguesa.

A Real Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência foi fundada em 1859, hoje um dos grandes complexos hospitalares de São Paulo. Ainda no século 19 foi criada a Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas (1891) e a Sociedade Beneficente Vasco da Gama (1898). Datam das décadas iniciais do século 20 a Associação Beneficente São Pedro do Pari (1917) e a Associação de Socorros Mútuos Sacadura Cabral (1925), associações essas beneficentes e mutualistas. Com finalidades diversas foram criadas a Câmara Portuguesa de Comércio (1912), a Associação Portuguesa de Desportos (1920) e o Clube Português (1920).

Na década de 1930, alguns portugueses originários de uma mesma região decidiram reunir-se, dando origem a associações regionais que se propunham, além de promover a união, auxiliar aqueles

20 Entrevista concedida às pesquisadoras em 11 ago. 2011.

21 Dados fornecidos pelo Dr. Vitorino por telefone às pesquisadoras em outubro de 2011.

que estavam em situação difícil, em decorrência da recessão enfrentada pelo Brasil com a crise de 1929. Foram criados, assim, o Centro Trasmontano (1932), a Casa do Minho (1932), o Centro Beirão de São Paulo (1933). O Centro Trasmontano de São Paulo, depois de enfrentar inúmeros percalços, desenvolveu um bem sucedido plano de saúde.

A Casa de Portugal, como uma *casa mater*, foi criada em 1935 com o objetivo de incorporar e fundir as associações existentes, prover assistência aos imigrantes, defender e promover a cultura e o idioma português. Correspondia ao sonho do arquiteto português e também imigrante Ricardo Severo, que, em 1918, assim a delineava: "casa em estilo português, e com uma porta tão ampla, que por ela caibam quantos portugueses haja na Colônia".[22]

Outras associações foram criadas depois que a emigração de Portugal continental e das ilhas praticamente havia terminado. Dessa época data a fundação do Arouca São Paulo Clube (1979), da Casa dos Açores (1980), da Associação Casa de Macau e da Sociedade Amigos da Ilha da Madeira (1982). A década de 1990 registra a criação da Casa Cultural Império do Minho de São Paulo (1991) – a primitiva Casa do Minho fora extinta –, da Associação dos Poveiros de São Paulo (1991), da Comunidade Gebelinense de São Paulo (1992), além daquelas situadas em outras cidades do Estado.

O objetivo atual dessas associações é a união dos conterrâneos da mesma região, a preservação das tradições e dos vínculos com o país e especialmente com a região de origem. O auxílio aos necessitados não é mais o objetivo primordialmentevisado. Reuniões festivas periódicas preservam as tradições culinárias, as danças e cantares das regiões de origem.

Algumas associações têm focos especiais, como a religião. É o caso da Casa dos Açores, que tem em suas dependências uma pequena capela com a imagem do Santo Cristo e promove como principal atividade a festa do Divino Espírito Santo, uma recriação da festa tradicional que acontece no arquipélago e que mobiliza toda a comunidade ligada aos Açores.

Outro caso que merece destaque é a Comunidade Gebelinense, associação criada em 1992 que reúne provenientes de Gebelim, pequena aldeia trasmontana. Três são os objetivos dessa associação: 1. promover o congraçamento dos imigrantes da aldeia de Gebelim e seus descendentes para que tenham a exata ideia de suas origens e honrem sempre suas famílias; 2. promover encontros sócio-esportivos e beneficentes; 3. promover anualmente no mínimo, dois eventos, sendo um em maio e outro no segundo domingo de setembro, dia em que se festeja o padroeiro São Bernardino de Sena. Interessante observar que a aldeia de Gebelim conta apenas com 250 habitantes e na festa da Comunidade Gebelinense em São Paulo, no ano de 2011, havia 800 pessoas.

Geralmente essas associações contam com poucos recursos, algumas conseguiram uma sede própria, outras funcionam em sedes alugadas. São bastante ativas, promovendo atividades variadas, de lazer, beneficentes e religiosas, estas em homenagem ao santo padroeiro da aldeia de origem. Os ranchos folclóricos são integrados por jovens que cantam e dançam músicas regionais. Os almoços com comidas típicas são muito concorridos e deles participam até pessoas não pertencentes às

22 VERDASCA, José. *A Casa de Portugal e a comunidade*. São Paulo: 1500 Comunicação e Marketing, 1993, p. 133.

comunidades luso-brasileiras. Para a realização de suas atividades, as associações contam com o apoio de firmas de origem portuguesa, como o Banco Banif, o Banco Luso-Brasileiro, a Transportadora Cruz de Malta, a Numatur, entre outras.

Em 1981 foi criado o Conselho da Comunidade Luso-brasileira pelo Comendador Valentim Diniz, com o objetivo de reunir as várias associações. Contudo, essa fusão dificilmente poderia ocorrer, dado o localismo das regiões de Portugal, como se salientou acima nas palavras de Boaventura de Sousa Santos e confirma Antonio de Almeida e Silva, presidente atual do Conselho da Comunidade Luso-brasileira.[23]

Um dos traços marcantes da comunidade portuguesa é a religiosidade e, de modo especial, a prática da religião católica. Nas aldeias portuguesas, a igreja matriz desempenhava um papel centralizador e o culto do padroeiro era objeto de festas anuais. Também no Brasil as *igrejas* se tornaram um ponto de encontro da comunidade.

Em São Paulo, a devoção a Nossa Senhora de Fátima é muito difundida entre os portugueses. No dia 13 de maio de 1917, houve a aparição de Nossa Senhora do Rosário a três pastorzinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, na cova da Iria. A devoção foi trazida ao Brasil pelos imigrantes. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima foi construída no bairro do Sumaré, por frades franceses da Ordem Terceira Regular de São Francisco, tendo sido inaugurada em 1948. A comunidade luso-portuguesa reúne-se nessa igreja no dia 13 de cada mês. Há uma procissão pelas ruas próximas, uma missa solene e a seguir um café com bolos e guloseimas portuguesas, como bolinho de bacalhau, bolo de mel madeirense, pastéis de Santa Clara etc.

Outras igrejas também são frequentadas por portugueses, como a Igreja de Santa Marina, na Vila Carrão, zona leste, local onde é celebrada a missa, como parte dos festejos do Divino Espírito Santo organizados pela Casa dos Açores. A Igreja do Divino Espírito Santo no bairro de Cerqueira César teria sido fundada por portugueses. A Igreja de Nossa Senhora da Aparecida, na Vila Beatriz, é conhecida como "a igreja dos portugueses". Aliás, toda a região das vilas Madalena, Beatriz e Ida constituía uma grande propriedade pertencente a um imigrante português, propriedade essa que, com sua morte, foi dividida entre as três filhas, dando origem a três bairros vizinhos, próximos ao bairro de Pinheiros, na zona oeste da cidade. A Igreja de São Domingos Sávio foi reformada por um grupo de imigrantes.

Como órgãos da imprensa da comunidade, devem ser mencionados os jornais *Mundo Lusíada* (publicado em Santo André), *Portugal em Foco,* com sede no Rio de Janeiro, mas com uma seção de notícias sobre a comunidade de São Paulo, e a revista *Naus.* O jornal *Portugal em Foco* tem como responsável pela parte editada em São Paulo o jornalista Armando Torrão. Esses periódicos têm assinantes, mas são também distribuídos gratuitamente em algumas entidades da comunidade portuguesa, como na Casa de Portugal.

23 Jornal *Portugal em Foco*, edição 11 a 17 de agosto de 2011, p. 14.

A Revista Naus é certamente direcionada à camada de mais posses, dados os eventos que noticia ou os temas de que trata. Por exemplo, um de seus números[24] relata a trajetória de Horácio da Silva Roque, presidente do Conselho de Administração do Banco Banif, pertencente a um forte grupo financeiro da comunidade luso-brasileira e atuante em diversos países. Recebeu o título de "Personalidade do Ano de 2006", título esse entregue em jantar solene promovido pela Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo e ocorrido na data em que este órgão comemorou 94 anos de existência. A solenidade contou com a presença do presidente da República de Portugal na ocasião, professor Cavaco Silva. Outras matérias tratadas na revista são notícias dos eventos ocorridos ou que ocorrerão em futuro próximo nas maiores entidades da comunidade, como as comemorações de aniversário da Casa de Portugal, fotos de membros da comunidade luso-brasileira de São Paulo, uma seção sobre culinária portuguesa, um destaque sobre alguma região turística de país de língua portuguesa, notícias variadas sobre inaugurações, exposições e informes de natureza econômica. A publicidade promove empresas de origem portuguesa e que atuam no Brasil, como bancos, restaurantes e lojas, e contribui para o financiamento da publicação.

Os programas radiofônicos são inúmeros, em horários diversos e com programação amena e variada, dando notícias de interesse geral, divulgando e relembrando músicas de origem lusitana, bem como entrevistando personalidades de diversas áreas. Os mais importantes são *Bom dia, Portugal*, *Heróis do Mar*, *Navegar é Preciso*, *Portugal, a Saudade e Você*, *Portugal dentro de Nós, Portugal, minha Saudade, Portugal Trilha Nova e Presença Portuguesa.* Os nomes são muito sugestivos e se referem ao sentimento de saudade e à relação com Portugal.

Esses órgãos da mídia escrita e falada atuam como instrumentos para a divulgação da programação das diferentes associações, especialmente os jornais que servem como instrumento de intermediação entre as várias entidades, estimulando-as, consciente ou inconscientemente, a promoverem eventos dirigidos à comunidade.

Na mídia televisiva há o programa *Portugal das Caravelas*, apresentado na TV aberta, e *Portugal e Sua Gente* e *Quem Somos Nós*, pela TV por assinatura.

A ligação com Portugal

Laços com Portugalsão observados e incentivados em todas as camadas sociais, por meio da ação das associações da comunidade. A permanência dessa ligação com Portugal, com a aldeia, parentes e conterrâneos, garantia, em tempos passados, a remessa de recursos consideráveis em seu total e era incentivada pelo governo português. Hoje essa remessa de recursos pecuniários já não mais ocorre, mas se mantém, de modo geral, a relação com a pátria de origem.

Entre aqueles bem sucedidos, é frequente o auxílio material às aldeias, como o custeio de melhoramentos urbanos, a reforma da igreja etc. Muitos constroem casas na aldeia de origem, as *casas de brasileiro,* para utilização em períodos de férias ou, quem sabe, no futuro. Em Vila Real foi criado um

24 Ano 11, nº 128, out. 2006.

conservatório musical pelo Comendador Manuel Botelho. Mesmo entre os medianamente bem sucedidos, a visita à aldeia de origem e aos parentes, levando os filhos para "conhecer a terrinha", ocorre assim que conseguem amealhar algum dinheiro. O Consulado Geral de Portugal instituiu o sorteio de viagens para Portugal ao qual podem se candidatar imigrantes que nunca tiveram oportunidade de visitar a terra de origem. Há iniciativas individuais, como a da proprietária do jornal Portugal em Foco, sra. Benvinda Maria, que organiza anualmente um Rancho Folclórico formado por um casal de jovens de cada associação e os leva para se apresentarem em diversas aldeias e cidades portuguesas.

Uma grande preocupação da comunidade é a motivação dos jovens descendentes, para que a ligação com Portugal continue viva. São os descendentes que irão dar continuidade às obras criadas pelos portugueses aqui no Brasil. Observam alguns imigrantes que os jovens não estão muito motivados nesse sentido. Nas associações regionais, a estratégia que tem sido adotada é a criação de grupos ou ranchos folclóricos que possam atraí-los. A proposta do Conselho da Comunidade Luso-brasileira é integrar as novas gerações com a participação efetiva em cargos de expressão dentro das associações.[25]

Imigrantes: situações diversas

Quando o tempo de permanência no país de adoção se alonga, é natural que se encontrem imigrantes vivendo em situações diversas: desde aquela marcada pelo sucesso econômico, político e social, passando a condições medianas em gradações variadas, até a situação de carência, significando o fracasso do projeto migratório.

A comunidade é hoje bastante heterogênea, o que se reflete na frequência às associações. Foi possível observar que aqueles que comparecem às atividades da Casa de Portugal e do Clube Português constituem a elite da comunidade – é lá que se encontram os comendadores e aqueles que tiveram sucesso em seus empreendimentos. Vários deles possuem a comenda Infante Dom Henrique, láurea criada pela Casa de Portugal em 1944 para agraciar os benfeitores da comunidade. A Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo reúne aqueles que possuem ou participam de empresas de maior porte. As associações regionais são frequentadas por uma camada média.

De um modo geral, nos primeiros tempos, os imigrantes não buscavam nenhuma associação. Quando a vida começou a melhorar, a primeira associação na qual ingressaram foi em geral a Portuguesa de Desportos que, além de time de futebol, é também um clube esportivo e social.

Há os casos daqueles que regressam a Portugal, tendo conseguido o objetivo proposto ou não, quando se fecha, então, o percurso migratório. Alguns regressam depois de alcançar seu objetivo, como o caso do pai de um entrevistado que conseguiu amealhar um dinheiro para comprar alguma terra na aldeia de origem, objetivo de sua emigração. Os que retornam bem sucedidos tornam-se alvo da admiração dos conterrâneos.

Há também casos de insucesso, uma dimensão pouco estudada. São aqueles que não conseguiram chegar ao objetivo proposto no projeto migratório e mesmo aqueles que se encontram hoje em

25 Jornal *Portugal em Foco*.

situação de extrema pobreza. São casos dolorosos de pessoas que, em geral, trabalharam a vida toda e, por não terem contribuído para o sistema previdenciário brasileiro, se encontram hoje em situação precária. Em geral, o apoio que recebem vem de parentes e conterrâneos, destinado a pagamento de aluguel, remédios e até roupas e alimentação. Trata-se de uma solidariedade que pode ser vista como horizontal, tendo em vista que provém de seus pares. Contudo, muitas vezes os parentes não estão também em condições de auxiliar.

Alguns imigrantes que se encontram em real situação de penúria são atendidos pelo Consulado de Portugal por meio do Centro de Apoio a Portugueses Carenciados; outros, impossibilitados de viver sozinhos, são encaminhados ao Lar da Provedoria, mantido pela Comunidade Portuguesa.

O Centro de Apoio a Portugueses Carenciados (ASEC-ASIC) funciona em um espaço da Casa de Portugal, onde os imigrantes que não têm nenhum recurso são recebidos e triados. É aberto um processo que é encaminhado a Portugal para análise e avaliação; se deferido, leva à concessão, pelo governo português, de uma pequena quantia mensal. Em 2011, 730 pessoas estavam recebendo o apoio social de Portugal, porque nada recebiam no Brasil. Muitos recebem uma cesta básica como ajuda provisória, enquanto não chega a decisão portuguesa sobre o pedido de auxílio.

O Lar da Provedoria é também uma iniciativa das associações da comunidade ou daqueles bem sucedidos, para auxiliar os desfavorecidos. Situado no Tucuruvi, o Lar recebe idosos que ainda estejam com estado físico e mental satisfatório, possibilitando independência. Em 2011, quando foi por nós visitado, lá moravam cinquenta e sete idosos, em sua grande maioria de origem portuguesa. O Lar da Provedoria é custeado pela renda de eventos organizados pela comunidade e por doação de benfeitores. Não é uma Casa de Repouso, mas uma casa social. Essa ação da Comunidade ou daqueles bem sucedidos em seu projeto migratório, ao manter o Lar da Provedoria, configura-se como um tipo de solidariedade vertical.

Contudo, o total dos atendidos, tanto pelo Centro de Apoio quanto no Lar da Provedoria, é exíguo quando se considera o total de pessoas que integram a comunidade, o que leva a supor o maior peso e a importância da solidariedade horizontal.

Identidade e tradição

Da identidade coletiva dos portugueses fazem parte mitos e tradições. As grandes navegações, que levaram o pequeno Portugal a se tornar grande pelas descobertas nos séculos 15 e 16, são talvez a marca mais significativa da identidade coletiva dos portugueses, podendo ser considerada como um mito de origem. O heroísmo, a coragem e espírito aventureiro são vistos como atributos da etnia. O emblema da Ordem de Cristo[26] passou a adornar as velas das caravelas portuguesas que exploraram os mares. O símbolo da Ordem de Cristo é utilizado ainda hoje para identificar empresas e

26 A Ordem de Cristo, ordem religiosa e militar, teve sua origem na Ordem dos Templários, exímios navegadores, expulsos da França por Felipe o Belo e pelo Papa Clemente V, em 1315. Os templários foram acolhidos em Portugal por Dom Dinis, trazendo para esse país seus conhecimentos de navegação. O Infante Don Henrique foi Grão Mestre da Ordem de Cristo.

associações portuguesas. As qualidades características do povo português do tempo das navegações e descobrimentos são hoje atribuídas aos imigrantes que têm a coragem para deixar sua terra e conquistar um futuro melhor.

A difusão dessa imagem pelos imigrantes portugueses seria uma contrapartida aos preconceitos enfrentados no Brasil. São preconceitos que têm sua origem na condição precária dos imigrantes que vieram para o Brasil no contexto da imigração econômica, homens e mulheres sem recursos e sem instrução, na maior parte dos casos. Tornaram-se objeto de anedotas, piadas e apelidos pejorativos.

Da identidade coletiva, assim como da identidade pessoal, fazem parte tradições que os portugueses buscam cultivar. As associações regionais promovem reuniões e festas, organizam os ranchos folclóricos integrados por luso-descendentes que tocam, dançam e se apresentam com trajes típicos. Lembranças da aldeia e tradições são ressignificadas com o propósito de promover a união entre os portugueses e entre esses com Portugal e, especialmente, com a aldeia ou a região de origem.

A denominação de vários estabelecimentos comerciais criados por imigrantes tem sua referência na aldeia de origem do proprietário ou homenageiam o Santo Padroeiro, ou mesmo o país, como exemplificam: restaurante Casa Portuguesa, Padaria Queluz, Panificadora Nossa Senhora da Candelária, Algarve Pães e Doces, Padaria Estado Luso, Padaria Estoril, entre tantos outros.

No nível ainda mais restrito, o das casas de moradia, as lembranças estão sempre presentes, expressas em objetos, sinais emblemáticos de pertença: a imagem de Nossa Senhora de Fátima e muitas vezes do santo protetor da aldeia de origem, o galo de Barcelos, o relógio cuco, além de pratos com imagens e dizeres referentes à aldeia e muitas fotos. A casa torna-se um "lugar da memória", para recorrer ao conceito de Pierre Nora.[27] Segundo o historiador francês, uma das questões significativas da cultura contemporânea, diz respeito ao sentimento de pertencimento a um dado grupo, colocado entre a memória e a identidade. Lugares da memória são lugares materiais, funcionais e simbólicos, onde a memória coletiva se ancora, a identidade se expressa e revela. No caso estudado, a casa torna-se o repositório de lembranças e objetos materiais, elementos que ajudam a preservar a memória da pátria distante.

Mitos, tradições e lembranças são elementos presentes na *identidade pessoal* dos imigrantes, que se forja dentro do quadro da identidade coletiva. Há uma constante construção e reconstrução da identidade, dado que os imigrantes estão inseridos no contexto mais amplo do país de acolhimento, com os valores que lhe são próprios e majoritários. As tradições portuguesas são muitas vezes ressignificadas.

Conclusão

A permanência da ligação com Portugal marca a identidade dos portugueses que estão no Brasil. Mesmo depois de cinquenta anos morando no Brasil, vivem um sentimento de identidade marcado pela ambiguidade. É o sentimento manifestado pela maioria dos portugueses.

27 NORA, Pierre. *Les lieux de la mémoire.* Paris: Gallimard, 1984.

O português Almeida e Silva, que chegou ao Brasil com apenas dois anos de idade, hoje presidente do Conselho da Comunidade Luso-brasileira, assim se define: "Eu me considero um luso-brasileiro por inteiro. Todo português, para onde vai, se integra de tal forma que acaba tendo duas pátrias. O meu caso não foge à regra".[28]

José Pisco, diretor da Casa Cultural Império do Minho de São Paulo, assim se expressou, ao se referir à sua identidade: "Eu me sinto tanto português, quando brasileiro. Quando volto para lá, eu me sinto bem".[29]

Ao jornalista Armando Torrão perguntamos na entrevista: "O sr. diria que há uma identidade luso-brasileira?" Ao que Torrão respondeu: "Existe e eu sou". Torrão nasceu em Prado Gatão, Miranda do Douro, Trás-os-Montes. Veio para o Brasil com cinco anos de idade e já visitou várias vezes a aldeia de origem.[30]

A manutenção das tradições e da memória do passado heroico e glorioso de Portugal são traços que marcam a identidade dos imigrantes. Da ligação com Portugal decorre o sentimento da *saudade*, visto como característico da identidade do português que se encontra fora de sua terra. São elos que não se rompem. Mas, ao lado dessa relação com a pátria de origem como um todo, está mais forte e evidente a relação com a aldeia ou região de onde saíram no processo de emigração. Sente-se ainda bem presente o regionalismo, que confere à identidade dos imigrantes portugueses em São Paulo um caráter bastante ambíguo. Tem-se a impressão de que a saudade de Portugal é uma forma de idealização, que permite e justifica a associação com conterrâneos de outras regiões e explica o fato de uns frequentarem a associação dos outros e também o fato, por exemplo, de uma aldeia tão pequena como Gebelim ter encontros festivos com uma participação de cinco vezes, pelo menos, o número de seus habitantes. Esses eventos reforçam ou recriam as tradições, das quais muitos não mais se lembram, mas contribuem para seu lazer e consolidação de uma identidade, que, embora ambígua, de outra forma, estaria se perdendo.

As associações da comunidade tiveram e ainda têm, certamente, um papel importante na integração e no apoio aos imigrantes e, ainda hoje, na preservação de traços identitários que remetem a Portugal, no âmbito coletivo e no pessoal.

Referências bibliográficas

FERREIRA, Marieta de Moraes. "História Oral, comemorações e ética". *Projeto História*. Ética e História Oral, São Paulo, nº 15, p. 157-164, abr. 1997.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Anchor Books, 1959.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista Editora dos Tribunais, 1990.

28 *Mundo Lusíada*, ed. 282, ago. 2011, p. 12, entrevista especial.

29 Entrevista concedida às pesquisadoras no dia 1º abr. 2011.

30 Entrevista concedida às pesquisadoras no dia 11 ago. 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HILL, Paul Bernhard; SCHNELL, Rainer. "Was ist identität?" In: ESSER, Hartmut; FRIEDRICHS, Jürgen. *Generation und Identität: theoretische und empirische Beiträge zur Migrationssoziologie*. Opladen: Westdeutscher, 1990, p. 25-42.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, T. (orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LANG, Alice Beatriz S. G.; CAMPOS, Maria Christina S.; DEMARTINI, Zeila B. F. *História Oral, sociologia e pesquisa: a abordagem do CERU*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2010.

NORA, Pierre. *Les lieux de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, p. 200-215, 1992.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. "Recriação de identidades em contextos de migração". In: LUCENA, Célia Regina Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (orgs.). *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006, p. 75-90.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Acildo Leite da. *Memória, tradição oral e a afirmação da identidade* (Texto apresentado no GT Afro-brasileiros e educação). 27ª ANPED, Caxambu, 2004. Disponível em: <www.anped.org.br> e em *Sociedade, Democracia e Educação: qual universidade?* Petrópolis: Vozes, 2004, vol. I, p. 7-17.

VERDASCA, José. *A Casa de Portugal e a comunidade*. São Paulo: 1500 Comunicação e Marketing, 1993.